

## **O FUTEBOL SUBURBANO E AS INSPIRAÇÕES DE LIMA BARRETO: REPRESENTAÇÕES E TENSÕES**

Nei Jorge dos Santos Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo busca compreender as representações construídas por Lima Barreto sobre o futebol em periódicos e romances publicados na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Para tanto, apresentaremos um panorama sobre o futebol no período, estabelecendo discussões sobre os estigmas e representações dos clubes do subúrbio e as críticas tecidas por Lima Barreto. Acreditamos que este trabalho tem o potencial de ampliar nosso olhar sobre as relações estabelecidas entre os literatos e suburbanos, não só por discutir uma região ainda pouco investigada, mas, sobretudo, por abordar estratégias de sociabilidade de um importante grupo social sob a ótica de Lima Barreto.

**Palavras-chave:** Futebol; Lima Barreto; Subúrbios; Rio de Janeiro.

### **The suburban football and the inspirations of lima barreto: representations and tensions**

**Abstract:** The present study seeks to understand the representations made by Lima Barreto on football in periodicals and novels published in the city of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century. To do so, we will present an overview of soccer in the period, establishing discussions about the stigmas and representations of the suburban clubs and the criticisms made by Lima Barreto. We believe that this work has the potential to broaden our view of the relations established between the literary and the suburban, not only to discuss a region that has not yet been investigated but, above all, to approach strategies of sociability of an important social group from the point of view of Lima Barreto.

**Keywords:** Football; Lima Barreto; Suburbs; Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular da Fac-Unilagos. Email: [edfnei@hotmail.com](mailto:edfnei@hotmail.com), Rio de Janeiro, Brasil.

## Introdução

Lima Barreto foi, de fato, um crítico implacável do futebol. Famoso por sua antipatia a qualquer prática esportiva, notadamente “o jogo do ponta-pé”, o autor não freava seu ímpeto às corriqueiras críticas. “Para gente desse calibre”, como ele mesmo denunciou, “a grandeza de um país não se mede pelo desenvolvimento das artes, da ciência e das letras. O padrão do seu progresso é o grosseiro *football*” (BARRETO, 1956, p.272).

Movido por sua ironia e suas tensões íntimas, ora entusiasta, ora inimigo da vida moderna, o futebol adquiria para ele uma seriedade ímpar, que o obrigaria como “crítico de costumes” a dedicar-se um tempo significativo ao novo fenômeno. Talvez, por essa razão, o autor criaria, ao lado de Mario de Lima Valverde, Antonio Noronha Santos e Coelho Cavalcanti, uma “Liga contra o foot-ball”, na tentativa de expor a “ignorância” e a “imbecilidade” primada pelo esporte (BARRETO, 1922, p.08).

Contudo, quando o autor de Clara dos Anjos funda a famosa Liga, juntamente com seus amigos, não luta, na realidade, contra a prática esportiva, mas em contraposição aos ideários enraizados em suas representações. Vejamos um exemplo:

Está aí, uma grande desvantagem social do nosso football. Nos nossos dias em que, para maior felicidade dos homens, todos os pensadores procuram apagar essas diferenças acidentais entre eles, no intuito de obter um mútuo e profundo entendimento entre as várias partes da humanidade, o jogo do ponta-pé propaga sua separação e o governo a subvenciona (BARRETO, 1993, p. 306).

Dessa forma, uma leitura superficial da vasta obra pode causar, a princípio, certa estranheza. Afinal, como bem questiona Ferreira (2007), como é possível um autor considerado a voz suburbana expor tanta ojeriza ao fenômeno popular chamado futebol? Será um contrassenso de Lima Barreto? Antes de análises pressurosas, o leitor pode redirecionar a sua indagação: qual seria, então, o significado que o futebol possuía para que Barreto o abominasse tanto a ponto de ajudar a fundar uma “liga contra o foot-ball”? Ou também, qual seria a relação de Lima Barreto com o futebol praticado nos subúrbios carioca? Baseado nessas questões, o estudo busca compreender, através de um exercício historiográfico, as representações construídas por Lima Barreto sobre futebol em crônicas e romances publicados pelo autor.

Para alcançar o objetivo exposto, apresentaremos, inicialmente, um breve panorama do futebol no período, promovendo uma discussão sobre os estigmas e representações dos clubes do subúrbio criados pela grande imprensa carioca da época. No segundo momento, faremos uma análise sobre as denúncias e críticas que o literato tecia ao novo fenômeno. Basicamente, iremos explorar a perspectiva barretiana acerca dos símbolos

de modernidade presentes na cidade e os recursos narrativos utilizados para combater, mais acidamente, determinadas ações modernizadoras que alguns cronistas esportivos alicerçavam ao futebol.

No que tange ao uso do material analisado, foram utilizadas fontes de duas naturezas: crônicas e romances publicados por Lima Barreto que trataram o futebol e os *modus operandi* da vida carioca como temáticas. Entre eles, os textos editados pela revista Careta, entre os anos de 1920 a 1922, momento em que Lima Barreto fora colunista, e uma seleção de crônicas reunidas nos livros: Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas, Vida urbana: artigos e crônicas e Feiras e mafuás: artigos e crônicas.

Acreditamos que este trabalho tem o potencial de ampliar nosso olhar sobre as relações estabelecidas entre os literatos e suburbanos, não só por discutir uma região ainda pouco investigada, mas, sobretudo, por abordar estratégias de sociabilidade de um importante grupo social sob a ótica de Lima Barreto.

### **Um jogo de incongruências: o inadequado futebol suburbano**

O contexto de transformações e desigualdades sociais presentes nas primeiras décadas do século XX configurou-se em principal fonte para os temas sobre os quais Lima Barreto refletiu. Suas ideias buscavam defender uma cultura política voltada para a diferença, não somente sensível às dessemelhanças na apropriação de materiais ou práticas comuns, como também naquelas referenciadas a um espaço urbano mais amplo, no qual os subúrbios estavam incluídos.

Com a mesma ironia aguda, característica de seu estilo, Lima Barreto fazia uma leitura crítica ao vertiginoso e modernizante cenário urbano do período, principalmente com as práticas que traduziam esse novo estilo de vida, entre elas o futebol. De acordo com Freitas (2005), o autor denunciava o envolvimento em que as elites intelectuais e políticas ocupavam-se igualmente das questões esportivas, na medida em que as mesmas adquiriam um significado político e, desse modo, participavam do processo de construção de uma nova identidade brasileira que excluía as classes menos estabelecidas.

Assumidamente suburbano, suas crônicas sempre demonstraram a difícil condição social do negro e do pobre. A cada texto, Lima Barreto se tornava a voz dos oprimidos em um período de extrema dificuldade socioeconômica. Para Rezende (2004, p.72), o autor fez da prática literária tribuna para campanhas que revelam sua indignação social e política, “na intenção de chamar a atenção da opinião pública para o valor do cidadão, de sua liberdade e de sua consciência política na construção da democracia”.

Contudo, no que se refere à apropriação do futebol pelas classes populares Lima Barreto assumiu uma posição contrária aos sentidos dados por aqueles sujeitos sociais, classificando-o como objeto da modernidade,

introdutor de hábitos que acentuavam as desigualdades presentes na antiga capital federal.

De fato, os primeiros instantes do futebol no Rio de Janeiro foram marcados por uma série de interesses e representações que relacionavam o velho esporte bretão à formação de um novo modelo de cidadão (SANTOS JUNIOR, 2013). Contudo, mesmo pautado pelos valores do cavalheirismo, do *fairplay*, e do amadorismo, elementos indispensáveis para uma sociedade em que adotava o modelo europeu como parâmetro cultural para a recém - instaurada República brasileira, a atividade foi difundida pelos subúrbios da cidade, desencadeando conflitos ao redor da imagem de distinção social desejada pelos *sportsmen* e pela grande imprensa da época.

A participação significativa de negros, operários e indivíduos das camadas populares promovia um alargamento simbólico nos sentidos do jogo, que incomodava aos que revestiam a modalidade, pelo menos discursivamente, de um caráter “civilizacional” superior (SANTOS JUNIOR; MELO, 2013). Esses novos protagonistas, reunidos em agremiações esportivas formadas nos subúrbios ou nos pátios das fábricas, começavam a fazer do futebol um importante meio de expressão de seus desejos sociais intrínsecos, contrariando a lógica que pretendia afastá-los da prática. Naquele espaço estavam reunidos homens e jovens de todas as classes sociais participando de jogos e campeonatos, aparecendo nos jornais, ganhando fama pela habilidade com a bola nos pés (MALAIA, 2010). Eram os “players” das camadas menos abastadas praticando um esporte de origem inglesa, contudo, como mesmo destaca João Malaia (2010, p.104), com feições locais: “futebol de brancos e negros, nacionais e imigrantes, analfabetos e letrados, compondo um mosaico de raças, etnias, condições sociais e uniformes que coloria a cidade do Rio de Janeiro e mostrava sua diversidade”.

No entanto, tendo em vista esse processo de popularização, o futebol não deixaria de gerar um debate no âmbito literário, notadamente nos principais veículos da imprensa carioca. De um lado, narrativas que enxergavam no futebol um importante símbolo do progresso, da civilização e da modernidade. Entretanto, declaravam a desmoralização e o repúdio pela prática nos centros mais pobres da cidade, desqualificando o desenvolvimento esportivo entre os clubes suburbanos. Do outro, críticos, entre eles, Lima Barreto, que compreendiam o mesmo esporte como um legítimo representante dos “modismos” de origem europeia, os quais serviam somente aos estratos mais abastados da população carioca. Lima Barreto, aliás, foi um autor empenhado em acentuar as ambiguidades que marcavam a fidalguia do futebol, questionando, principalmente, a estratificação socioespacial tão presente nas principais colunas esportivas do Rio de Janeiro.

Não poucas vezes os jornais informavam que as partidas disputadas por clubes suburbanos eram marcadas por tumultos. Seus sócios e torcedores eram rotulados por ações comportamentais consideradas inadequadas: vaias, agressões e invasões de campo. Vejamos a descrição do

jogo entre o Bangu e o Mangueira, realizado em junho de 1914. São significativos os estereótipos usados pelo cronista, que não enxergava, nos sócios e torcedores do time do subúrbio, o refinamento desejado para a sociedade carioca:

Depois de um jogo movimentado, foi vencedor o Bangu A.C., pelo score de 5 a 0. O jogo dos 1º *teams* foi suspenso pelo *refree* depois de 36 minutos de jogo, devido em primeiro lugar a péssima assistência, que insultava os jogadores, jogando cascas de bananas, pedras etc., e em segundo, por ter o *refree* repreendido o Sr. Patrick, do Bangu, o que foi suficiente para a assistência dobrar de insultos ao próprio *refree*, havendo nesse momento grande confusão. [...]

Chamamos a tenção da Liga para não consentir matches em campos que não estejam cercados e que não ofereçam as garantias necessárias para os *refrees* e jogadores (BANGU...1914, p.03).

Destacam-se no texto dois itens significativos a serem observados. O primeiro é a “péssima” recepção dada aos visitantes, que segundo o cronista, “insultava os jogadores, atirando cascas de bananas, pedras etc.” (BANGU...1914, p.03). É válido destacar que as críticas referentes ao comportamento dos torcedores e jogadores suburbanos eram recorrentes, notadamente quando os clubes da zona sul, que tinham entre seus sócios e frequentadores representantes das famílias economicamente mais prósperas da cidade, visitavam as agremiações arrabaldinas; itens como dificuldade no deslocamento, condições do gramado, segurança e comportamento preenchiam as principais colunas esportivas da época (O FLUMINENSE..., 1917, p. 8). Aliás, é possível identificar vários ofícios enviados por cronistas na tentativa de evitar jogos em lugares como Bangu (ANÚNCIO...,1906); (SABEMOS...1907); (O SR. NOEL..., 1917); (UMA NOTA...1919); (O CAMPEONATO...,1917).

O segundo ponto, articula-se ao anterior: a sugestão de que eram comuns condutas violentas nos jogos do Bangu, especialmente quando se realizavam em seu “longínquo” campo. Ao contrário dos fidalgos jogadores da zona sul, os *players*, torcedores e sócios suburbanos eram somente reconhecidos por suas supostas posturas inadequadas, distante de qualquer refinamento idealizados pelos representantes da imprensa.

Quatro dias após o incidente, no mesmo periódico, publica-se uma carta do secretário do Bangu, Guilherme Pastor, na qual identifica e denuncia o estigma (BANGU...1914, p.05). Para ele, sempre que a imprensa carioca se refere a seu clube o trata de um modo injusto e agressivo. No caso específico da notícia publicada, para o autor, refere-se ao Bangu “em termos poucos verdadeiros”, “o que pode ser atribuído a falta de escrúpulo do vosso informante” (BANGU...1914, p.05).

Negando veemente todos os fatos descritos pela folha, Guilherme Pastor repreende o redator, afirmando que tais acontecimentos, caso fossem

verdadeiros, seriam de fato perigosos, contudo, equivalente ao gesto de quem, “descendo muito de sua dignidade”, poderia prestar ao papel por demais degradante de fornecer tão injusta infama queixa” (BANGU...1914, p.05).

Na verdade, o que fica claro é que havia um preconceito de classe, não poucas vezes estabelecendo uma relação linear dos comportamentos dos criticados com sua condição social. De acordo com Santos Junior (2012), a estigmatização ficava ainda mais nítida no momento em que observamos o tratamento recebido pelos clubes das elites, quando esses se envolviam em conflitos não eram noticiados com o mesmo grau de dramaticidade, por vezes sendo até elogiados, considerados com uma expressão de amor à equipe<sup>2</sup>. Ainda assim, não poucas vezes, mesmo quando os incidentes ocorriam nos campos das equipes mais “nobres”, com a total participação dos seus sócios e adeptos, a responsabilidade era atribuída aos torcedores “impertinentes e mal-educados” do subúrbio (PEREIRA, 2000). Na visão de cronistas não havia dúvidas: eles possuíam o monopólio da falta de educação esportiva.

Havia, de fato, um projeto de se construir através do futebol a imagem de um Brasil branco, civilizado e com ares europeus. Esse símbolo elitista, evidenciado tanto por *sportsmen*, como por cronistas, contribuía para a criação de mecanismos de exclusão daqueles que não tinham na fidalguia a sua representação (SANTOS JUNIOR, 2012).

Para manter essa feição elitista os jornais procuraram estabelecer restrições às agremiações da zona suburbana. Uma das iniciativas foi a instituição de regulamentos que destacavam a violência e o desserviço prestado ao futebol (SANTOS JUNIOR, 2012). Travava-se de uma noção particular de subúrbio, enraizado por estigmas fortemente marcados pela estratificação socioespacial da cidade. E será exatamente essa diferenciação social um dos primeiros alvos de Lima Barreto contra o futebol.

A propósito, Lima Barreto foi um dos que, no próprio campo literário, esteve atento às incongruências narrativas da imprensa carioca. Em texto intitulado “Uma conferência esportiva”, publicado pela *Careta*, em 1 de janeiro de 1921, o autor destaca uma série de reportagens sobre o velho esporte bretão.

O escritor suburbano expõe, inicialmente, o contrassenso frente aos olhares lançados sobre os corpos das classes populares, que, para ele, exercitavam-se de forma mais harmoniosa comparados aos “players” do jogo do “pontapé”. Em suas considerações, a única diferença seria justamente o recorte social, fundamental na avaliação do autor para legitimar a prática entre os jovens cariocas. Vamos ao “Cais do Porto”, convida o autor:

O serviço de estiva corre celeremente. Os estivadores, com passos apressados, correm sobre as pranchas, carregando

---

<sup>2</sup> Por exemplo, um tumulto em uma partida realizada entre o América e o Botafogo, em 1914, foi apresentado como mero fruto do amor dedicado ao clube (Pereira, 2000).

pesados fardos. São homens de todas as raças e mestiços delas. Vede-lhes a musculatura de todas as partes dos seus corpos, como que foram calculados com paciente precisão, para funcionarem harmonicamente. Que beleza! Que perfeição! Mas para que servem? Para nada – podemos dizer; pois carregar fardos de alfafa, de algodão, sacos de café não é trabalho útil à sociedade. [...]

Entretanto, se nos colocamos no alto da arquibancada de um *field* de football, a contemplação dos músculos desarmônicos dos players, as suas longas pernas superenriquecidas de força, o *mollet* muito proeminente, a contrastar com o seu andar bambo, e também as suas cabeças de chuchu, é quanto vemos e percebemos a utilidade da educação física. Ela não está no emprego do seu platonismo, no seu desinteresse, em não se aplicar ou em dar sem proveito algum dia e noite pontapés em um pelotão. (BARRETO, 1921, p. 16).

Percebe-se claramente o tom irônico de Barreto ante a construção de representações sociais sobre os corpos daqueles que disputavam os jogos da Liga Metropolitana. A analogia estabelecida pelo cronista evidenciava as distinções sobre os discursos promovidos por boa parte dos intelectuais das letras. Por um lado, “os corpos calculados com paciente precisão”, oriundos das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores das mais variadas raças e etnias (BARRETO, 1921, p. 16). Do outro, “os músculos desarmônicos” dos jogadores de futebol, em sua maioria filhos das famílias mais abastadas da cidade (BARRETO, 1921, p. 16).

Dessa forma, Lima Barreto constituía a visão como referencial básico de sua orientação sarcástica, afirmando que a dissimetria corpórea serviria como expressão inconfundível para assimilar os paradoxos tão presentes nos discursos sobre o futebol carioca. Aliás, construir elementos que desmistificassem a fidalguia do futebol era frequente em suas narrativas. O fator que mais o irritava era a ideologia de classe que existia por trás desse esporte. Para Barreto, o futebol representava um projeto político-ideológico de uma elite que ansiava por uma prática que marcasse a sua diferenciação com relação às demais classes sociais. E Lima Barreto, em suas análises, compreendeu as estratégias de outros autores na tentativa de alicerçar uma imagem de prática civilizada (quando se tratava dos clubes da zona sul), bem como discutir os modelos de civilização adotados pela fidalguia carioca. Na sequência, vejamos, de maneira ainda mais explícita, essa relação.

Em notícia veiculada pelo jornal *A Noite*, em 13 de dezembro de 1920, Lima Barreto chama atenção ao curioso texto publicado pelo periódico, no qual descreve as cenas de agressões ocorridas na partida disputada entre as equipes do Mangueira e do Fluminense.

Para o cronista do periódico, já se fora o tempo em que as barbáries estavam circunscritas aos campos dos clubes da “terceira ordem”. Em sua análise, mesmo nos jogos de “primeira ordem”, nos últimos tempos,

“também se tem timbrado nesses desrespeitos à assistência, não atendendo sequer à presença de senhoras, que são atropeladas nas correrias e até agredidas, devido à confusão” (BARRETO, 1921, p. 16).

Indignado, Lima Barreto classifica como “curiosa” a narrativa criada pelo jornalista ao tratar as agremiações suburbanas, questionando, até mesmo, se a vontade do autor era “que os clubes aristocráticos e puros ficassem atrás dos clubezinhos dos subúrbios?”.

Sobre o mesmo episódio, Barreto revela que tal ideia fora compartilhada por outras folhas, entre elas, o Correio da Manhã. Para o autor, a narrativa criada pelo periódico só poderia ser classificada como um “descocô”, como tal fato não fosse o virtualmente o fim próprio e natural do jogo (BARRETO, 1921, p. 16). Nas palavras de Lima Barreto, não havia dúvidas, embora grande parte da imprensa tente, “o football é uma e mesma coisa, em toda parte!” (BARRETO, 1921, p. 16).

De fato, a popularização do futebol entre as camadas menos abastadas tornou-se naquele período um espaço de disputas entre os intelectuais, os quais utilizavam de narrativas específicas para expressar seus diferentes projetos sociais. Entre eles, entusiastas como Coelho Neto e Afrânio Peixoto, que enxergavam no futebol a possibilidade de promover uma “regeneração da raça brasileira”, com corpos sadios e disciplinados.

Não por acaso, Lima Barreto adotou um tom crítico. Munido de uma totalidade que procurava colher nos gestos, nas atitudes e nas falas dos personagens a argamassa do seu comportamento ele não freava suas críticas frente aos “devaneios” da elite carioca. Por isso, suas reflexões quando projetadas ao futebol eram representadas a partir dos indicadores de distinção e segregação social, consideradas por ele sem qualquer sentido, já que a prática, independente daqueles que participavam, educava a partir da brutalidade.

Por essa razão, a utilização do conceito de literatura como instrumento de denúncia social, sempre presente em suas obras, era possível, pois permitia expor as contradições existentes na cidade e as aspirações e os desejos que marcavam o cotidiano dos seus moradores. Fosse através dos escritos sobre os conflitos nos jogos da Liga Metropolitana ou até mesmo pelo preconceito racial que a prática promovia, Lima Barreto projetava uma ideia repulsiva desse esporte, um instrumento de incongruência dos ideais propagados pelos seus defensores.

Sobre o preconceito racial vale destacar a crônica publicada em outubro de 1921, segundo o qual o próprio presidente da República, Epiácio Pessoa, após consulta, havia sugerido a exclusão de jogadores negros no selecionado brasileiro que ia à Argentina (BARRETO, 1921). Tal notícia serviu de fomento para críticas posteriores. No mesmo artigo, Lima Barreto acrescenta que a atitude, “conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil” (BARRETO, 1921, p.17). Ademais, o autor questiona se os impostos pagos pela gente de cor traziam consigo o estigma da raça, pois se houvesse o mínimo de coerência, os cartolas não deveriam aceitar o

dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Ao final, em tom sarcástico, encerra: “A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores: todos nós, para eles, somos macaquitos” (BARRETO, 1921, p.17).

A superposição exposta por Lima Barreto carrega consigo novas e velhas contradições do espaço urbano, reproduzidas, em muitos momentos, nos campos de futebol. Tais incongruências, serviam, na avaliação do autor, para além do mal-estar que a modernidade criara às classes populares. Na verdade, suas representações sociais, construídas e expostas nos principais jornais da cidade, direcionava-se na manutenção dos privilégios destinados aos mais abastados. E, por essa razão, o autor manifestava-se em oposição ao preconceito que se transpunha a prática esportiva.

Como crítico às desigualdades sociais propagadas pelo futebol e pelo tipo de sociedade que esse esporte elucidava, Lima Barreto acreditava que nenhum indivíduo pudesse se sentir afastado ou diminuído dentro da sociedade. Mais precisamente, suas ideias buscavam a modernização dos sentidos em discordância às ambiguidades e contradições que a modernidade apresentava. Por isso, consideramos que algumas de suas reflexões estivessem conectadas ao desejo de cada homem descerrar-se à imensa diversidade e riqueza que o mundo moderno apresenta.

De fato, Lima Barreto lutava pelo reconhecimento do genuíno brasileiro, o qual, notadamente no futebol, considerava ignorado pelas classes dirigentes. Por essa razão, no momento em que se analisam seus textos, em que se evidencia a relação com o universo suburbano, cria-se a sensação errônea de haver algum travo de censura na observação crítica do autor (MATIAS, 2006). Entretanto, estas análises do futebol jogado nos subúrbios são, na realidade, retalhos e estigmas de uma parte da cidade do Rio de Janeiro que sempre ficou segregada a um plano inferior, uma vez que, desde o Império e a Primeira República, a literatura urbana narrava os bairros da zona sul como espaços de cultura e civilização (SANTOS JUNIOR, 2017).

Dessa forma, Lima Barreto procurava construir elementos que desmistificassem a fidalguia do futebol. Ao percorremos as narrativas sobre a prática no período, cruzando-as com as traçadas pelos outros cronistas, percebe-se a clara opção por uma postura de crítica social, enquanto outros enxergaram no ajustamento os valores emergentes, e a consequente contribuição para a conformação de uma imagem de nação moderna, que tinha no futebol a representação de um projeto político-ideológico de diferenciação.

### **Lima Barreto e a luta contra a imagem fidalga do *foot-ball***

A luta contra o “modismo” da fidalguia, assim como a posição do negro na sociedade brasileira, sempre fora um tema vasto para o autor de Claro dos Anjos. Perturbado pela popularidade do esporte bretão, sua escrita apresentava também um pouco de sua personalidade. Cheia de rancor, marcada por discriminações e dificuldades financeiras, suas ações contra a

prática do futebol giravam em torno de diversos aspectos, entre elas a brutalidade proporcionada por tal esporte, como mostra na crônica “Uma partida de Football”.

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de foot-ball.

É um espetáculo da maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

Num círculo romano, com imperadores, retiários, vestais e outros sacerdotes e sacerdotisas, cousas tão inéditas como nas nossas arenas de jogo do pontapé na bola.

Os gladiadores eram raramente homens de grande beleza física e muito menos intelectual; os nossos jogadores de foot-ball, porém, são excelentes modelos, em que o crânio alongado e pontegudo dá um remate de beleza aos seus membros inferiores que muito lembram certos ancestrais do homem.

O Senhor Coelho Neto, a quem muito admiro, já fez a apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas.

Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapê.

As senhoras que assistem, merecem então todo o nosso respeito.

Elas se entusiasma de tal modo que esquecem todas as conveniências.

São as chamadas “torcedoras” e o que é mais apreciável nelas é o vocabulário.

Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto.

Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito.

Em português ou mesmo em latim, eles desafiariam a honestidade: e é, por um, que me abstenho de toda e qualquer citação elucidativa.

O que há, porém, de mais interessante nessas festanças esportivas é o final.

Sendo um divertimento ou passatempo, elas acabam sempre em rolo e barulho.

Por tal preço, não vale a pena a gente divertir-se.

É o que me parece (BARRETO, 1961, p. 147-150).

O tom irônico que associa o futebol ao modelo de cultura e educação da “alta” ou “baixa” sociedade revela a desassociação social estabelecida por Lima Barreto ao tratar o velho esporte bretão. Em outras palavras, não importa se fora desenvolvido nos subúrbios ou nos bairros da zona sul. O futebol, na avaliação do autor, é um perfeito símbolo de modernidade forjada, principalmente, por ordenar características que notabilizam a estratificação socioespacial: de um lado, o futebol fidalgo e

civilizado. Do outro, a prática suburbana; deseducada e incivilizada, na avaliação de alguns cronistas.

Certamente, a popularização do futebol tornou-se naquele momento um espaço de disputas entre cronistas, os quais por meio de suas representações expressavam seus diferentes projetos sociais (PREREIRA, 2000). Dessa forma, enfatizar o contrassenso dessa narrativa permitia expor um formato de cidade moderna defendida e idealizada por outros literatos. Uma cidade em que a desqualificação para com estes estratos sociais era algo recorrente, sendo muito próxima àquelas observadas ao se noticiar a “loucura mística” de Antonio Conselheiro, a ignorância e imundície dos moradores dos cortiços cariocas e a subversão e desordem das organizações proletárias (FRANCO JUNIOR, 2007).

No caso do futebol, essas análises se tornavam ainda mais claras, pois era comum ter nas páginas dos principais periódicos da cidade notícias sobre a violência nos campos suburbanos. A grande imprensa, por exemplo, procurava estabelecer restrições às agremiações da zona suburbana. Uma das iniciativas foi a instituição de regulamentos que destacavam a violência e o desserviço prestado ao futebol, como a matéria publicada pelo *O Imparcial*, em fevereiro de 1916, com o título, “o que seriam os clubs... se não fossem esportivos”:

Se o projeto-monstro do Joffrissimo Silveiras<sup>3</sup> pudesse dar com o Andarahy em casco de rolhas, este clube democrata e colorido caberia por herança ao simpático e alineático Nico Miranda<sup>4</sup>. Nem poderia ser de outra forma; o Nico velho é troço naquelas luzidas e encarapinhadas cabeças. Aquilo tinha que cair na mão do Nico, quer quisessem, quer não, ou não fosse ele “membro honorário” da *dirigente*. Só haveria um inconveniente, que seria a discussão de um projetinho...mandando dar uns tantos por cento para representação do team, etc., etc. Mas o que é um carneiro para quem tem um rebanho? Nada...Lóóóógo... (BRIGÃO, 1916, p.09)

Tratado com a mesma ironia, o Bangu não fugiria de tal repúdio:

O Bangu operário, selecionável e longínquo, do viu Noel<sup>5</sup>, velho cansado de lutas e de leituras de longas defesas contra ataques à delicadeza tradicional e incontestante do Leão, se não tivesse sido

---

<sup>3</sup> Alberto Silveiras era um dos cronistas da revista Sports, onde assinava suas colunas sob pseudônimo de Joffre. Também foi Presidente do Villa Isabel F.C, além de defensor assíduo da campanha pela necessidade de selecionar os elementos que jogam futebol.

<sup>4</sup> Nico Miranda era um dos idealizadores e sócios do clube do Andarahy, além de ser cronista do jornal *O Paiz*.

<sup>5</sup> Noel de Carvalho foi Presidente do Bangu Athletic Club de 1915 a 1917, além de ocupar em 1917 a Presidência da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT).

batizado pelo antialcoolista Procter<sup>6</sup> com o doce nome de Bangu Atlético Club, só se poderia cognominar o “Palácio dos Suplícios”. Não é alusão ao palácio que Noel projetor para sede da Liga, não! É uma espécie de purgatório, onde os que cobiçam o título de *campeões* carioca, purgam os pecados, deixando a golpes de canelas, o sangue ruim que lhes corre nas veias. Ali é o verdadeiro laboratório onde se pode apreciar a reação de *Wassermann*, tão apregoadada. Sangue ruim fica ali, regando aquele solo bendito e expurgador das maldades humanas. Sim senhor, seu Noel, num team de onze homens do S. Cristóvão, trinta atestados de escoriações supercutâneas e esmagamentos de epiderme e seis óbitos e meio. Que team de moças, o do Leão! (BRIGÃO, 1916, p.09)

De fato, o cronista, sob o pseudônimo de João brigão, utilizou-se do subterfúgio literário e estilístico que tinha na crônica um dos seus principais instrumentos: a mobilização de atores sociais em prol da modernização. Fosse através de estereótipos estabelecidos por um recorte sociorracial, ou por uma noção particular de subúrbio – enraizada por estigmas marcados pela estratificação socioespacial da cidade –, o autor utilizava como parâmetro um Rio de Janeiro inventado ideológica e urbanisticamente pelas elites a partir de suas referências europeias, nos quais clubes “democratas” e “coloridos” não poderiam figurar pelos quatros cantos da cidade.

Para Santos Junior (2012), a partir dessa descontextualização e recontextualização, o jornal traduzia sua visão de mundo, impregnado por estigmas que desqualificavam não só torcedores e jogadores, como também o território em que eles ocupavam e habitavam. Por um lado, se essas ações eram indícios do conflito simbólico que se estendeu por anos no cenário do futebol carioca, por outro, acreditamos que explicitavam a força do *ethos* existente entre torcedores e suas agremiações. Naturalmente, ainda que no interior desses clubes houvesse como substância uma pretensa “evolução” social, buscavam-se ações diferenciadas das propostas idealizadas pelos intelectuais da época, reproduzindo, efetivamente, um conjunto de reações extraídas das agremiações mais abastadas da cidade.

É importante destacar que esse entendimento vai ser desconjuntando no decorrer dos textos de Lima Barreto, a começar pelos elementos que o cronista julga serem os quatro principais desserviços do futebol ao país: (1) a violência exposta nas partidas; (2) o comportamento dos torcedores; (3) a valorização da prática; e (4) a falta de intelecto dos praticantes.

Esses quatro princípios, sempre presentes na maioria das crônicas do autor, não estavam circunscritos aos clubes suburbanos. Pelo contrário, havia uma preocupação do autor em explicitar que os desserviços eram gerais, independente de classe, credo ou cor, como podemos observar no texto publicado na revista *Careta*, em julho de 1922.

---

<sup>6</sup> Andrew Procter foi um dos idealizadores do Bangu Athletic Club, ocupando cargos de secretário, tesoureiro e presidente do clube nos anos de 1909 a 1910.

Não é possível deixar de falar no tal esporte que dizem ser bretão.

Todo dia e toda a hora ele enche o noticiário dos jornais com notas de malefícios, e mais do que isto, de assassinatos. Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante cousa.

O Rio de Janeiro é uma cidade civilizada e não pode estar entregue a certa malta de desordeiros que se querem intitular *sportmen*.

Os apostadores de brigas de galos portam-se melhor. Entre eles, não há questões, nem rolos. As apostas correm em paz e a polícia não tem que fazer com elas; entretanto, os tais footballers todos os domingos fazem rolos e barulhos e a polícia passa-lhe a mão pela cabeça.

Tudo tem um limite e o football não goza do privilégio de cousa inteligente (BARRETO, 1922, p.37)<sup>7</sup>.

O autor não enxergava no futebol uma prática esportiva que perpetuava fidalguia e civilização e, na crítica aos projetos de uma modernidade europeia, ressaltou que a mesma continha um pacote de “malefícios” como o futebol, um “esporte que dizem ser bretão”, mas que promovia cenas de violência explícita protagonizadas por “desordeiros que se querem intitular *sportmen*”. Para dar conta ao raciocínio exposto, Lima Barreto estabelece comparações entre o “esporte bretão” e um divertimento popular como as “brigas de galos”; o autor revelava o tratamento diferenciado que as “autoridades policiais” dispensavam a um e a outro, isto é, no Rio de Janeiro “civilizado”, a violência dos “tais *foot-ballers*” era tolerada “e a polícia passa-lhes a mão pela cabeça”.

Certamente, essas considerações iniciais ironicamente vão extraindo atributos que qualificam o esporte para, em seu lugar, expor aspectos negativo, uma vez que desqualificando suas ações se transformam, de fato, em um desserviço a população. Dessa forma, o autor lança um olhar crítico e não raro tom irônico sobre essa realidade, tendo por fim não apenas a denúncia, mas a transformação, a metamorfose do *status quo* a partir da conscientização da população. Sua ação seria, desse modo, veículo de conscientização e também aquela capaz de aproximar o escritor, intelectual consciente e não-alienado, do público, cuja consciência em relação ao meio alienante seria menor.

Isso significa que Lima Barreto propõe a ressignificação do olhar lançado sobre o futebol, deixando transparecer sua crítica às tentativas de padronização cultural e controle social das elites sobre os demais estratos sociais, bem como estratégias voltadas para a elaboração de alternativas ao processo modernizador excludente que impregnava a cidade do Rio de Janeiro durante as primeiras décadas do século XX.

---

<sup>7</sup> *Careta*, 1 de julho de 1922.

Por essa razão, Lima Barreto expõe através de seus escritos a percepção de um multifacetado contexto histórico, do qual ele mesmo é parte ativa e interessada do processo. O autor observa, anota, fixa e desenvolve, com sarcasmo, as ações e convenções que brotam das camadas populares, mas, por outro lado, há sempre a denúncia da realidade e a tentativa de entender o universo dos trabalhadores e das pessoas mais simples da região.

### **Considerações finais**

Percebe-se que Lima Barreto fez de seus textos um instrumento capaz de expor suas questões mais intrínsecas. Fosse por meio de assuntos sociais ou políticos, a defesa de uma cultura voltada para a diferença fazia parte de um conjunto de práticas cotidianas sensível às desigualdades. E, por essa razão, por meio de representações literárias, salientava os paradoxos construídos pelo futebol, em especial o racismo e a violência.

Chama-nos atenção, entretanto, a forma como, em determinadas situações, a narrativa de Lima Barreto assume um olhar presumidamente parcial e identitário quando se tratava do futebol praticado nos subúrbios. Ao mesmo tempo em que declarava abertamente sua ojeriza, identificando seus incontáveis desserviços a educação dos jovens cariocas, suas análises centravam-se nos dramas humanos e sociais quando referia à desiguais daqueles que vivenciavam o velho esporte bretão. Esse exercício etnográfico permite narrar, não somente as dificuldades e estigmas vividos pelos clubes suburbanos, como também os traços de solidariedade que circundam esse mundo paralelo à cidade socialmente reconhecida.

Consciente de que, se por um lado ascende o sentimento de pertença que sobrevive neste espaço urbano marginalizado, por outro lado, podem configurar-se como desencadeadoras da violência urbana. Fato visto e explorado em periódicos locais.

De acordo com Matias (2006), é assim o artesanato da crônica barretiana: o circunstancial nunca é simplório e o fragmentário encontra, na imaginação do leitor, a lógica da organização que se rebate no seu cotidiano, nas suas histórias de vida, nas narrativas que se desenrolam no seu ambiente. Como afirma Beatriz Resende (1993), na produção do escritor, são eliminados os limites rígidos entre o literário e o jornalístico, pois os recursos estéticos de um meio são inteiramente aproveitados em outro, completamente integrados em sua escritura.

Nesse ponto, as questões de diferenciação social tão presentes no discurso de Lima Barreto se mostram latentes, expostas como padrões culturais suburbanos, que contribuíam para a construção de símbolos sociais que em todo momento, apesar do discurso de imparcialidade, destacavam os estigmas e as representações pejorativas sobre o futebol suburbano.

### **Referências**

ANÚNCIO de irregularidade no jogo do Payssandu c/ Bangu. **Gazeta de Notícias**, 12 de julho de 1906.

AUGUSTO, E. C. B. S. Olho no lance: futebol e modernidade na crônica de Lima Barreto. In: ANPUH. **Usos do passado**: XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro: ANPUH/RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Emilia%20Carolina%20Bispo%20dos%20Santos%20Augusto.pdf>> . Acesso em: 6 mai. 2013.

BANGU A. Club vs Sport Club Mangureira. **Gazeta de Notícias**, 08 de junho de 1914.

BARRETO, L. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Klick Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. “A liga contra o football” In: BARRETO, L. **Um longo sonho do futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. RJ: Graphia Editorial, 1993.

\_\_\_\_\_. Sobre o foot-ball. In: BARRETO, L. **Vida urbana**: artigos e crônicas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. **Feiras e mafuás**: artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, L. **Careta**, janeiro de 1921.

BARRETO, L. **Careta**, dezembro de 1921.

BARRETO, L. **Careta**, 1 de julho de 1922.

BRIGÃO, J. **O Imparcial**, 26 de fevereiro de 1916.

CAPRARO, A. Futebol e sentimentalismo manifesto na crônica esportiva do início do século XX. In: ALESDE. **I Encontro da ALESDE**. Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em: <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/70.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2013.

CHALHOUB, S. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

FERREIRA, L. C. **Um personagem chamado Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Literatura (Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FERRÉS, J. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, C. Lima Barreto, um intelectual negro na Avenida Central. **Revista Intellectus**, Vol. 1, Ano 4, 2005.

LOPES, N. Apresentação. In: BOTELHO, D. **A pátria que quisera ter era um mito**: o Rio de Janeiro e a militância política de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2002.

O CAMPEONATO de football. **Correio da Manhã**, 4 de junho de 1917.

O FLUMINENSE Derrotou o Bangu por 1 A 0. **O Imparcial**, 11 de junho de 1917.

ORNELLAS, C. A. O subúrbio como centro do mundo: Lima Barreto e João Antônio. **Navegações** - Revista de Literatura e Cultura de Língua Portuguesa, v. 3, p. 7-16, 2010.

O SR. NOEL de Carvalho também renuncia. **O Imparcial**, 4 de julho de 1917.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MATIAS, J. L. Vida urbana, marginália, feiras e mafuás: a modernidade urbana nas crônicas de Lima Barreto. In: III Seminário Interno das Linhas de Pesquisa do Mestrado em Literatura Brasileira e do Doutorado em Literatura Comparada, 2006, Rio de Janeiro. **Anais do III Seminário Interno das Linhas de Pesquisa do Mestrado em Literatura Brasileira e do Doutorado em Literatura Comparada**. Rio de Janeiro, 2006.

RESENDE, B. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: UFRJ; Campinas: UNICAMP, 1993.

SABEMOS que o Bangu Athletic-Club. **Gazeta de Notícias**, 18 de maio de 1907.

SANTOS JUNIOR, Nei. Jorge. **A construção do sentimento local:** o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923). 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do Rio de Janeiro (década de 1910). **Revista Pensar à Prática**, Goiânia, v. 16, n. 4, p.1239-1255, out./dez.,2013.

\_\_\_\_\_. **A vida divertida suburbana:** representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929). 2017. 230f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS JUNIOR, N. J., MELO, V. A. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 1910). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 411-422, 2013.

UMA NOTA oficial do Andarahy. **O Imparcial**, 26 de novembro de 1919.

Recebido em 2 de dezembro de 2018

Aprovado em 27 de março de 2019